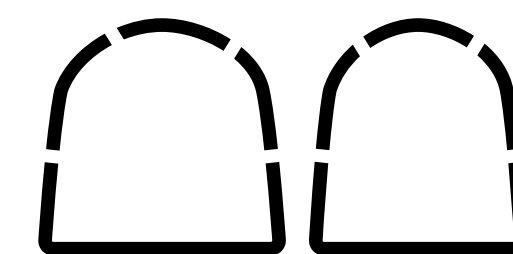


# MICA I

Mudança e Intervenção  
Criativa em Artesanato



**Fornos  
da Cruz  
de Pedra**  
CENTRO DE  
ARTES E OFÍCIOS



**LOJA  
OFICINA**



Mica. Nome de pó com brilho intenso. Este pó que vem da terra e que aspira ser forma e harmonia.

Pó, pigmentos, terra, barro, fibras, fios, tecidos. Matéria e forma. Rigidez e suavidade. Mão, ação, expressão. Rapidez e lentidão.

Um objeto nunca esquece a matéria de que é feito. A matéria está lá para recordar que foi manuseada, que não a fizeram desaparecer.

A mão como lugar e como metáfora onde reside toda a potência humana. Que cria, que contrasta a natureza. A mão que pode ser aquilo que contraria o curso das coisas.

Da relação intensa entre o pensamento e ação da mão, como se a ação da mão fosse já em si uma forma de pensar. Um modo manual de pensar. Quando a mão pensa, o mundo altera-se.

As mãos modificam a matéria do mundo, mas não alteram os significados do mundo. A mão é a última expressão do pensamento e a primeira da mudança.

Nascem novas narrativas e texturas. A mudança provocada pela intervenção.

**Marta Silva**

Direção de Património e Artes Tradicionais



## **MICA**

Mudança e Intervenção  
Criativa em Artesanato

**Este programa promove o encontro entre tradição e inovação, criando espaço para a experimentação, o diálogo e a cocriação entre artistas e artesãos.**

**Com o tempo e o lugar de uma residência artística - Alexia Delorme (têxtil) e Andreia Pinho (cerâmica) - e com a abertura da criação à participação (oficinas comunitárias), o programa MICA Tipo I pretendeu explorar as intersecções entre cerâmica e têxtil, em cocriação, valorizando os saberes ancestrais locais e desafiando novas formas de expressão e colaboração.**

# Aléxia Delorme

Textil

(2001, Rio de Janeiro, Brasil) é artista visual com uma prática interdisciplinar que cruza escultura, instalação e performance, centrada na relação entre gesto, memória e território. A sua investigação articula tradição e contemporaneidade, aproximando processos artesanais de uma abordagem sensorial e psico-simbólica.

Desenvolve o seu trabalho a partir de materiais orgânicos e ecológicos, privilegiando matérias naturais passíveis de reintegração no ciclo ambiental. As fibras naturais, como o cânhamo, o linho e o algodão, constituem elementos estruturantes na sua prática, fun-

cionando como dispositivos de ligação, memória e continuidade.

É licenciada em Artes Plásticas – Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É fundadora do projeto Corpo-Barro e cofundadora do Satsang Natura, onde desenvolve trabalho artístico, produção e mediação cultural.



*A residência MICA foi, para mim, um tempo de aprofundamento na matéria e na relação entre o têxtil e a cerâmica enquanto linguagens de ligação. Desde o início, o encontro com a Andreia foi natural, sustentado por uma partilha contínua de interesses e processos, onde as nossas práticas se cruzaram num território comum entre o vegetal e o mineral.*

*A aproximação à Cantarinha dos Namorados e ao Bordado de Guimarães abriu um campo de investigação onde o saber-fazer foi entendido como ferramenta de resgate e transformação das práticas artesanais e tradicionais. A partir das pesquisas de campo, realizadas no Museu dos Fornos da Cruz de Pedra e do contacto direto com o território, o linho revelou-se elemento central - não apenas pela sua presença histórica, mas pela sua capacidade de estruturar um fio de continuidade e de inscrição do têxtil na região.*

*Ao longo da residência, desenvolvi um conjunto de experimentos centrados na pigmentação natural a partir do barro, óxidos e mica, transferindo essas matérias - utilizadas no processo das Cantarinhas dos Namorados - para a fibra têxtil associada*

*ao Bordado de Guimarães. Nesse processo, o barro deixou de ser apenas elemento de modelação para se tornar também rasto expandido.*

*O diálogo com a Andreia permitiu uma influência real entre práticas, onde a cerâmica atravessou o têxtil e a fibra acolheu o barro. Este intercâmbio abriu novas possibilidades, dissolvendo fronteiras entre disciplinas e permitindo que as peças emergissem como um campo híbrido, onde diferentes linguagens coexistem.*

*A dimensão da água, que se revelou estruturante ao longo da residência, foi igualmente fundamental para o desenvolvimento do trabalho têxtil - na diluição do barro, na preparação dos óxidos, na mordentação das fibras, na fixação dos pigmentos e na própria transformação do processo. Entre a imersão, a vaporização e a absorção, o tecido tornou-se um elemento que guarda a memória.*

*As oficinas comunitárias reforçaram a importância do processo enquanto prática partilhada. Ao integrar os participantes na preparação do barro e na criação de amuletos, foi possível expandir o trabalho para*

*além do espaço individual, permitindo que outros corpos e gestos se inscrevessem na matéria. Os tecidos marcados e as peças criadas se tornaram vestígios de uma experiência coletiva.*

*Esse percurso consolidou uma prática que procura trabalhar a partir de materiais orgânicos e ecológicos, que nascem da terra e a ela podem regressar. Mais do que produzir objetos, me interessa criar condições para que a matéria revele as suas próprias transformações.*

*A exposição se apresenta como continuidade desse processo: um espaço onde os trabalhos não surgem como formas fechadas, mas como superfícies de inscrição de um tempo vivido, onde território e matéria se tornam indissociáveis.*

# Andreia Pinho

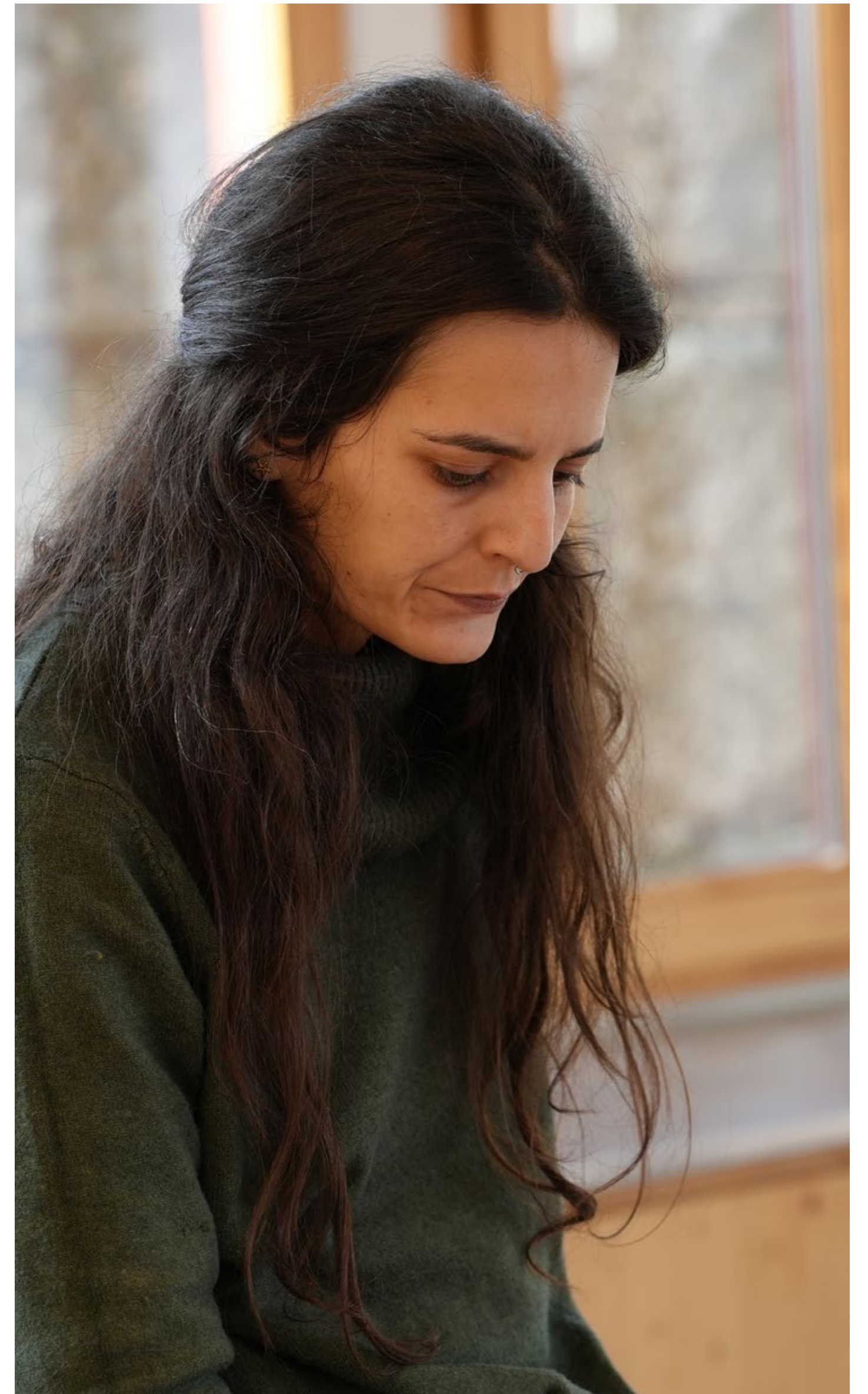
Cerâmica

(1993) é artista-ceramista e desenvolve uma prática centrada na relação entre matéria, território e memória coletiva. O seu trabalho parte da recolha e processamento de argilas selvagens, explorando as qualidades naturais do barro e privilegiando técnicas manuais que preservam a textura, a cor e a identidade de cada solo.

É fundadora do projeto Pelos Solos de Portugal (2019), uma iniciativa dedicada à investigação, recolha e estudo de argilas e outros recursos minerais e vegetais em diferentes regiões do país. Este projeto afirma-se como um exercício contínuo de reconhecimento do território, promovendo práticas sustentáveis e valorizando saberes ancestrais, evitando processos industriais.

A materialidade assume um papel central na sua obra. A artista evidencia a potência expressiva da matéria na sua crueza, valorizando as imperfeições e as qualidades intrínsecas de cada solo. É na relação direta com a terra que reside a força conceptual do seu trabalho, afirmando a cerâmica como território de pensamento, memória e metamorfose.

A sua prática articula tradição e contemporaneidade, dando forma a esculturas e máscaras que evocam mitos, rituais e arquétipos, propondo uma reflexão sobre ancestralidade, materialidade e a ligação profunda entre o ser humano e a natureza.



*Trabalhar com a Aléxia foi um processo natural, baseado numa constante partilha de ideias e numa liberdade experimental que definiu cada etapa desta residência. Os nossos trabalhos, embora com abordagens formais e conceptuais distintas, acabam por se tocar em muitos outros contextos, sobretudo na materialidade e na consciência ecológica. Foi precisamente nesse espaço, entre o que nos aproxima e o que nos separa, que construímos um diálogo sustentado por uma investigação partilhada. A residência centrou-se na Cantarinha dos Namorados, entendida tanto na sua dimensão formal como conceptual. A partir da sua desconstrução, procurámos aceder à essência dos seus significados, usos e materiais, abrindo espaço a novas leituras e reconfigurações. O processo iniciou-se com um mergulho profundo na geologia e na materialidade do território.*

*Explorámos os pigmentos, a imprevisibilidade dos óxidos e o uso da mica em diferentes estados. Entre visitas a fábricas têxteis e a recolha direta de argila, a primeira semana foi dedicada a uma aproximação sensível a Guimarães e aos seus recursos. Foi apenas após esse primeiro momento de imersão que emergiu uma viragem decisi-*

*va no processo: percebemos a importância da água como elemento estruturante. Embora o fogo seja frequentemente o protagonista da cerâmica, foi na fluidez da água que encontramos o nosso fio condutor. Decidimos, por isso, expandir a simbologia deste elemento: da sua função utilitária na cantarinha à sua dimensão mística e antropológica. Neste contexto, achei oportuno trazer para a residência a minha própria investigação sobre o lado mitológico, um tema que tenho vindo a explorar nos últimos anos como uma forma de reinventar o presente através de um regresso às origens, neste caso pré-cristãs. Explorámos a ligação intrínseca entre a água e o feminino, evocando a figura da mulher enquanto guardiã de rios, fontes e nascentes.*

*Foi nesta mesma altura que surgiu a ideia de intervir diretamente sobre uma cantarinha e de desenvolver a escultura central da Moura Encantada. A partir desse ponto, o trabalho em barro intensificou-se num período concentrado de cinco a seis dias, marcado por um ritmo quase febril, onde a intuição e o gesto conduziram a produção. A um tempo dilatado de observação seguiu-se, assim, um tempo intenso de ação. As oficinas comunitárias, integradas*

*no programa, faziam todo o sentido por se tratar de um símbolo cultural tão forte na cidade, e por essa razão, pensamos em atividades que estivessem diretamente ligadas à nossa prática e investigação.*

*A primeira oficina procurou honrar o próprio processo artístico - entre a recolha, o processamento e a entrega ao gesto e à intuição. Tornou-se evidente a importância de integrar a comunidade no desenvolvimento do projeto expositivo, trabalhando com os resultados desta experiência coletiva, que se materializaram em dois panos e um conjunto de missangas. Para concluir a residência, a segunda e última oficina foi concebida como um gesto de síntese. Dedicada à técnica de cozedura alternativa saggur, permitiu aos participantes intervir sobre as missangas produzidas anteriormente, bem como desenvolver têxteis pigmentados que puderam levar consigo fragmentos tangíveis desta experiência partilhada. A exposição surge, assim, como a continuidade deste processo: um espaço onde matéria, gesto e memória se entrelaçam. As peças apresentadas não são apenas resultados, mas vestígios de um tempo partilhado, onde a experimentação, o território e a comunidade se inscrevem de*

*forma indissociável. Mais do que um ponto de chegada, este corpo de trabalho afirma-se como um estado de transformação contínua.*



# Oficinas comunitárias

O Centro de Artes e Ofícios dos Fornos da Cruz de Pedra acolheu uma nova edição MICA - Mudança e Intervenção Criativa em Artesanato.

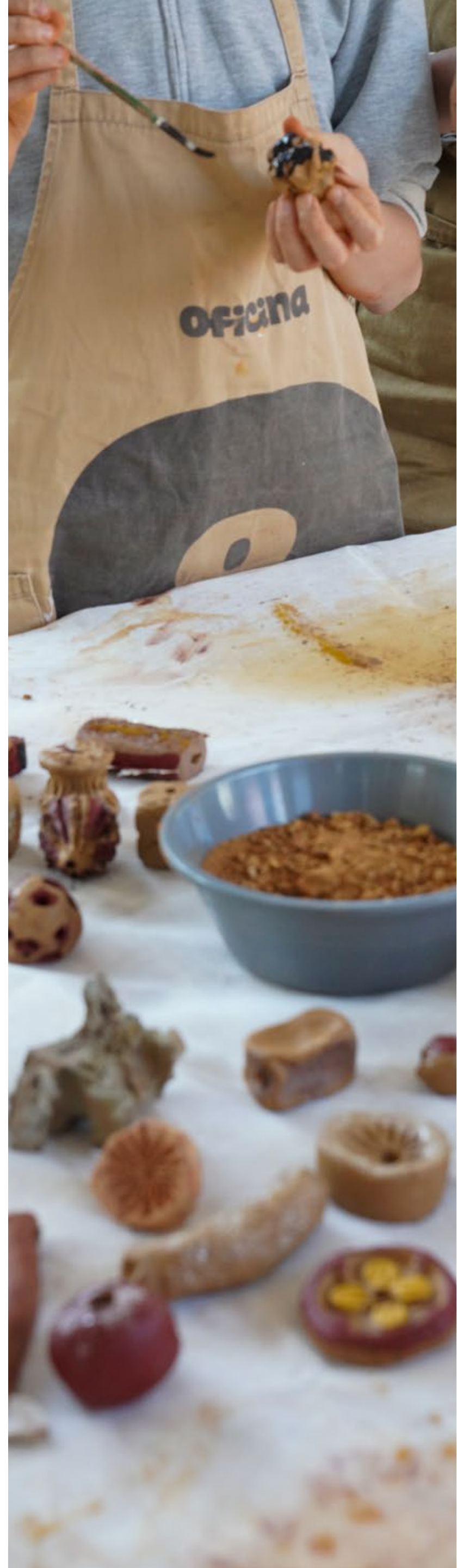
Nesta residência, Aléxia Delorme e Andreia Pinho exploram em conjunto as potencialidades do diálogo entre o barro e o fio, num processo criativo aberto à comunidade

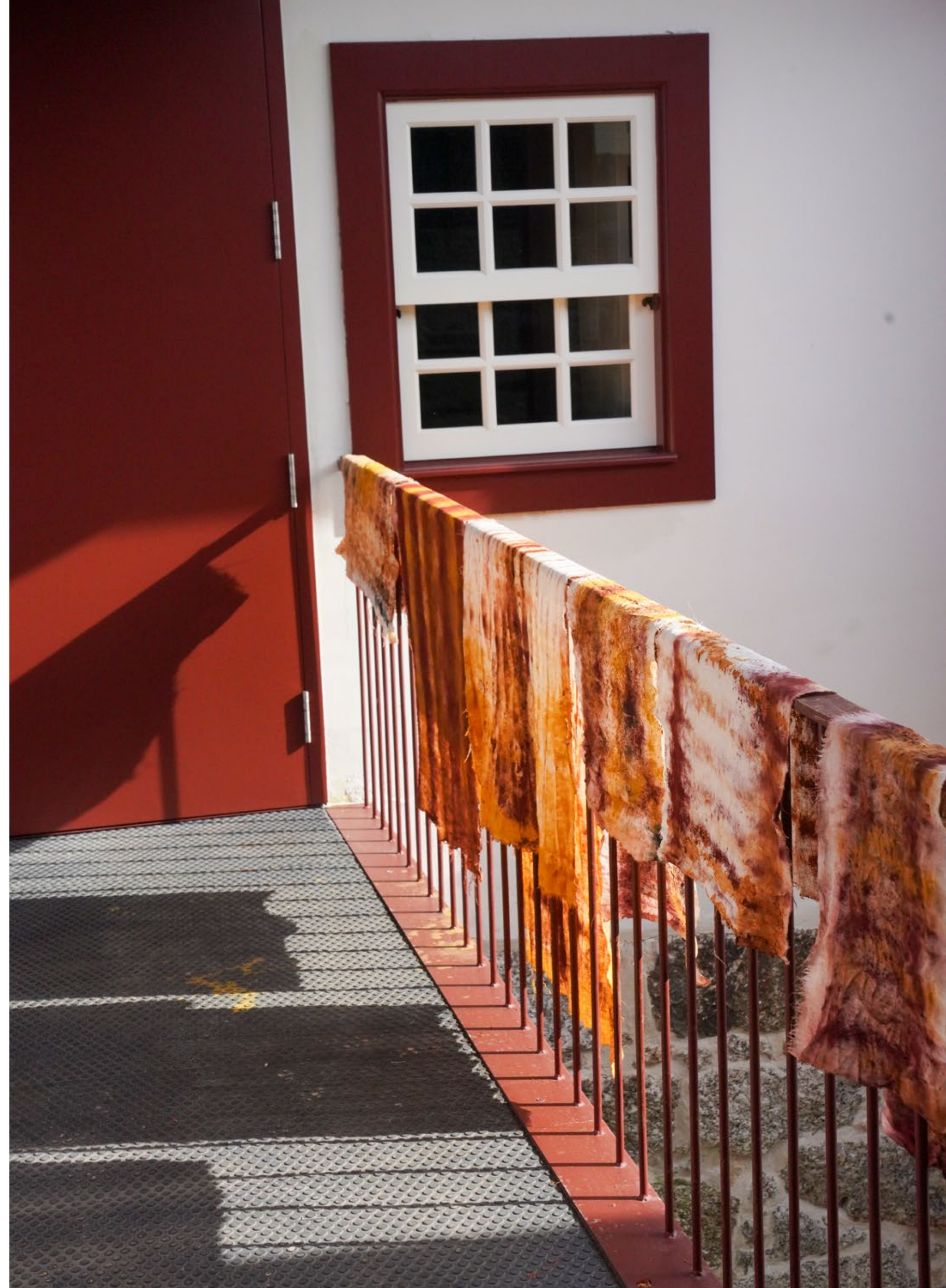


# Oficina Comunitária

28 fevereiro 2026









Se p  
eu escuto

meu  
meu não estou  
O espaço também

# Oficina Comunitária

7 março 2026











# Entrevista às artistas

link entrevista:

<https://www.instagram.com/p/DXKMK49iDpS/>



# MICA I — O FIO QUE NASCE DA TERRA

Aléxia Delorme  
e Andreia Pinho

Exposição  
Loja Oficina







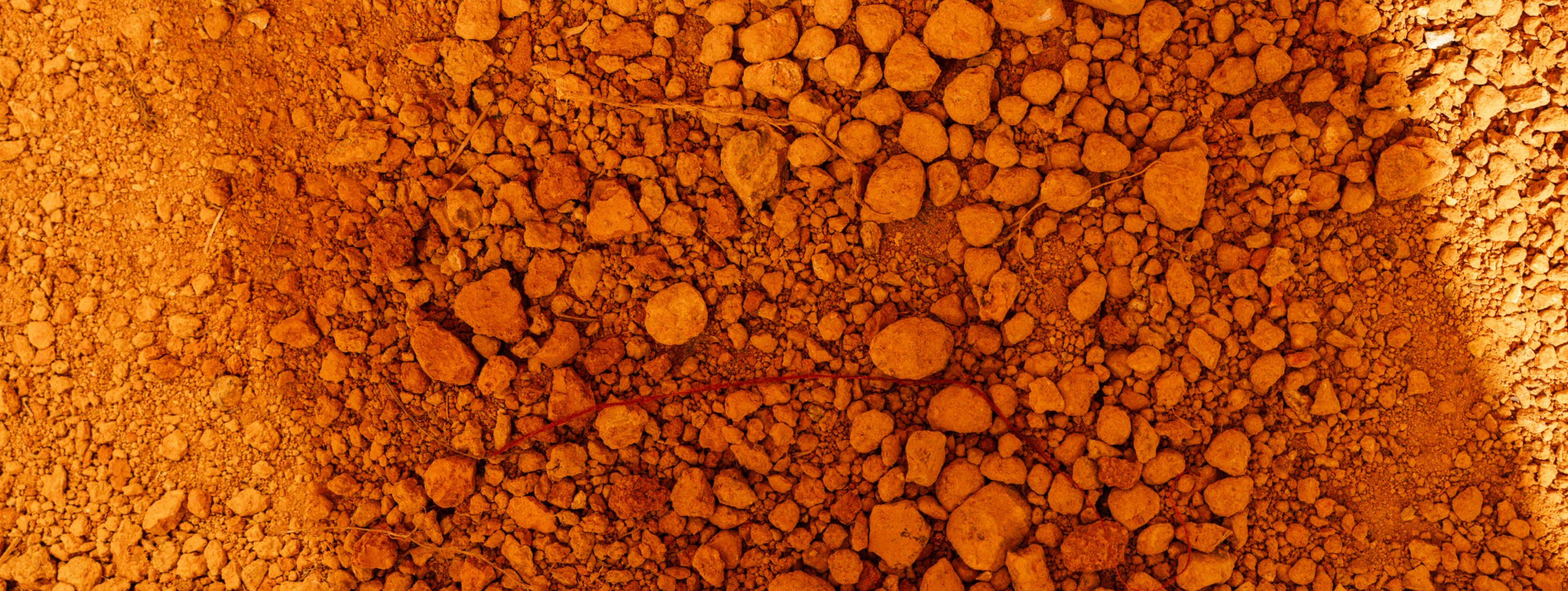






←  
0  
Atendimento  
Customer Service  
Jardim  
Lanchonete  
Elevador  
Sanitário  
WC





Projeto cofinanciado pela União Europeia através do  
Programa Regional NORTE 2030



Cofinanciado pela  
União Europeia